

REFLEXÕES SOBRE O «JOGO DO PAU»

Contributos para a sua análise

Manuel Fradinho¹

De certo que as primeiras armas que o Homem manejou foram a pedra e o pau. Com elas lutaria com os seus semelhantes e se defenderia das feras que o acoçavam.

No rodar dos milénios até aos nossos dias, nunca as dispensou, apesar de ter ao seu alcance outros instrumentos de defesa e de luta altamente aperfeiçoados. E ainda hoje há muito campesino que «onde põe o olho põe uma pedra» na pitoresca expressão popular que significa destreza de pontaria; mata à paulada coelhos assustadiços, enfrenta e acomete um lobo com um bordão... É assim em todos os povos e a todas as latitudes...

De arma improvisada brandida à toa e dominando só a golpes de violência e rapidez, forçosamente a intuição humana haveria de criar regras que aperfeiçoassem a defesa e o ataque como em qualquer forma de luta. Daí que os povos, consoante o seu temperamento e sagacidade tenham concebido para o jogo do pau, uma técnica própria.

Tendo que filiar as suas origens em épocas remotas de lutas primitivas, também somos forçados a admitir que a sua evolução apresente características variáveis de região para região, como todos os costumes.

O Jogo do Pau português, porventura herdado dos aguerridos lusitanos, tem qualidades específicas que, além de tudo o mais, talvez lhes confirmem valor histórico, embora poucas referências, quer históricas quer literárias, o mencionem.

Esta afirmação baseia-se na inequívoca semelhança com o manejo do montante, de que talvez tenha sido a expressão popular que o precedeu e inspirou. E entre um Lourenço Viegas, espalhando a morte e o terror pela moirama, sob os golpes prodigiosos do seu montante... e

um pimpão minhoto ou transmontano «varrendo a feira» em rixas populares... não haveria grande diferença de lide e de valentia.

É impossível enfrentar um jogador de pau por quem desconheça a sua técnica, como seria para qualquer guerreiro ante um adversário que esgrimisse o montante de forma para ele desconhecida. E quem sabe se aí residiria a superioridade que nos levou, em tão pequeno número, a conquistar o território nacional, levando de vencida um inimigo que, além de valoroso, foi sempre muito superior em número.

Vêm depois os descobrimentos. O teatro de guerra muda-se para o oriente, e aí a diferença numérica é ainda muito maior. Além dos orientais tínhamos que enfrentar os «rumes», nome por que eram então conhecidos os turcos no Indico, onde mantinham esquadras poderosas e gozavam da fama de ser dos melhores soldados do seu tempo.

Ao montante tinha sucedido outra arma cujo manejo ainda mais se assemelharia ao jogo do pau. Era a alabarda, aste de madeira de comprimento mais ou menos idêntico ao dos paus que usamos hoje, e encimada por uma ponta de lança, tendo em cruz, um machado e outra ponta de lança. Acometia-se à lançada (a «pontada» do Jogo do Pau) ou acutilando com o machado ou a outra lança, de certo em «cortes» de alto-abaixo, enviesados, redondos ou laterais... talvez em «sarilhos» e «moinhos» que atordoassem os inimigos, como hoje confundem quem lhes desconhece a técnica!

Os nossos alabardeiros ficaram e entre eles o malogrado D. Lourenço de Almeida, sempre invencível, quase supersticiosamente temido, até que um pelouro o despedaçou...

Como quer que seja, influenciando a arte guerreira ou dela sendo cópia, o Jogo do Pau é ainda uma temível forma de luta e, sem dúvida, um maravilhoso desporto.

¹Médico.

O Jogo do Norte como ainda hoje se pratica no Minho, Trás-os-Montes e parte das Beiras, conserva um extraordinário poder combativo com grande alcance e violência e confiando a defesa quase que apenas à agilidade.

O Jogo de Lisboa ou do Ribatejo é uma primorosa adaptação a desporto de duelo, e sem dúvida mais completo como exercício físico. A precisão das «pancadas» ou golpes, a eficácia das defesas respectivas, as «esquivas», os «a fundos», os «vira-costas», curiosa pancada cuja violência resulta precisamente da reviravolta que se executa em frente do adversário, conferem-lhe a precisão de uma esgrima extremamente bem concebida e de grande beleza espectacular.

Analisado como actividade muscular, demonstra-nos uma influência na coordenação motora dificilmente igualável em qualquer outro ramo desportivo. Possui, portanto, uma acção educativa excepcional que bem merecia ser aproveitada e largamente difundida entre a população juvenil, tão carecida de práticas eficientes na sua formação.

Infelizmente, porém, o ensino e a expansão do Jogo do Pau estão apenas entregues ao entusiasmo de alguns

«carolas» que não chegam a fazer os adeptos suficientes para afastar a ameaça de extinção que sobre ele paira.

É incrível que se desconheçam ou se desprezem tanto os méritos de uma técnica desportiva excepcional quer sob o ponto de vista educativo, como de acção formativa, como instrumento de defesa... ou de ataque... ao ponto de pôr em risco a sua sobrevivência.

Os clubes desportivos escorraçaram-no das suas salas, talvez com o receio de lhes molestar os pisos... Os estabelecimentos oficiais, supõem provavelmente tratar-se de arruaceiros indesejáveis...

É uma lástima!

Todavia, alguns estrangeiros que nos visitam, se lhes é dado o ensejo de presenciarem uma demonstração do nosso magnífico *Jogo Nacional*, ficam entusiasmados colhem notas, fazem filmes do espectáculo!

E não custa admitir que qualquer dia por aí nos apareça, com rótulo japonês ou russo, de uma nova «arte marcial» que toda a gente então aprecie e queira praticar.

Entendo que deveremos antecipar-nos a esta hipótese vexatória.

O Jogo do Pau... o *nosso* Jogo do Pau é um exercício físico de excepcionais virtudes que merece e deve impor-se na vida desportiva nacional.